

# **IV enanparq**

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

**ESPOSAS: atuações em Arquitetura, Interiores e Design.**

SESSÃO TEMÁTICA: ARQUITETURA, GÊNERO E SEXUALIDADE

**Andréa Gáti**  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE  
andrea.gati@ufpe.br

## **ESPOSAS: atuações em Arquitetura, Interiores e Design.**

### **RESUMO**

Analisar as parcerias entre casais vinculados sexualmente e profissionalmente foi tema de um livro publicado em Londres em 1993: *Significant Others – Creativity and Intimate Partnership*. Na obra são apresentadas parcerias de casais de artistas e escritores sob argumento de que em nossa cultura ocidental a concepção criativa ocorre de forma solitária, e que no caso das associações colaborativas configura-se sempre um sujeito como o “gênio criador” e sua dupla apenas como o “outro”. Sabe-se que muitas arquitetas ou formaram parcerias com sócios ou casaram com arquitetos. Se por um lado essas parcerias garantiam o acesso e/ou permanência no mercado de trabalho nos momentos de ausência necessária por assuntos relacionados à família, por outro lado, essa descontinuidade fez com que elas fossem poupadas de serem protagonistas neste cenário. O presente trabalho se propõe a apresentar as reconhecidas trajetórias profissionais de três esposas, as arquitetas: Janete Costa, Clementina Duarte e Myriam Pessoa de Melo, cônjuges de representantes do star system da arquitetura moderna pernambucana. O objetivo dessa comunicação é, além de jogar luz nas questões de gênero neste campo do conhecimento, investigar de que forma a união delas com seus maridos arquitetos influenciou ou até mesmo direcionou suas trajetórias. Sabendo-se que em arquitetura foi estabelecido como papel preponderantemente masculino o de projetar as edificações e o feminino o de decorar seus ambientes internos, o caso das arquitetas selecionadas para o estudo é emblemático, pois cada uma delas desenvolveu sua carreira de uma forma particular: projetista de arquitetura, arquiteta de interiores e designer de joias. Este artigo tem como objetivo específico contribuir com a escrita do capítulo referente a história das arquitetas modernas pernambucanas, visando colaborar com pesquisas nas quais se busca uma revisão da história da arquitetura que tem sido contada em grande parte com base no protagonismo masculino.

**Palavras-chave:** Myriam Pessoa de Melo 1. Janete Costa 2. Clementina Duarte 3.

## **WIVES: performances in Architecture, Interior Design and Design**

### **ABSTRACT**

To analyze partnerships between couples tied sexually and professionally was the subject of a book published in London in 1993: *Significant Others - Creativity and Intimate Partnership*. The book presents partnerships of couples of artists and couples of writers under the argument that in our culture the creative conception occurs always in a solitary way, and in the case of collaborative associations one is always the "creative genius" and the partner is only seen as "the other". It is known that many architects formed partnerships with male partners or married architects. If in one hand these partnerships ensured access to the labor market and also maintain their position there when they need to be off to solve issues related to the family, on the other hand, this discontinuity, this absence, prevent them to be protagonists in this scenario. This study aims to present the recognized professional trajectories of three wives, the architects: Myriam Pessoa de Melo, Janete Costa and Clementina Duarte, spouses of representants of the star system of Pernambuco Modern Architecture. The purpose of this communication is, besides to shed light on gender issues in this field of knowledge, to investigate how their union with their husband-architects influenced or even directed their trajectories. Knowing that in architecture it was established as a predominantly male role the design of the buildings and the female one to decorate its interior spaces, the cases of the selected architects for the study are emblematic, because each of them has developed their career in a particular way: architectural design, interior design and jewelry design. This article has the specific objective to contribute with the writing of the chapter of the History of Pernambuco Modern Female Architects, aiming to collaborate with researches seeking for a review of the history of architecture that has been told based on male protagonism.

**Keywords:** Myriam Pessoa de Melo 1. Janete Costa 2. Clementina Duarte 3.

# 1. INTRODUÇÃO:

## 1.1 Parcerias

Sabe-se que muitas arquitetas ou formaram parcerias com sócios ou casaram com arquitetos. Muitas foram relegadas a meras assistentes cujo reconhecimento foi nulo, configurando trajetórias colaborativas ocultadas pela história da arquitetura. Se por um lado essas parcerias garantiam o acesso e permanência no mercado de trabalho nos momentos de ausência necessária por assuntos relacionados à família, por outro lado, essa descontinuidade fez com que elas quase sempre fossem poupadas de serem protagonistas neste cenário. Estudos recentes ampliam a exploração do tema em nível internacional e nacional.

O presente trabalho pretende apresentar três esposas, arquitetas casadas com arquitetos membros do *star system* da arquitetura pernambucana para analisar suas carreiras, em especial, o grau de reconhecimento dado às suas trajetórias. O recorte para definição dos casos a serem estudados partiu da identificação dos principais nomes da Escola de Recife<sup>1</sup> buscando encontrar quais deles teriam como parceiras suas próprias mulheres.

Desta forma, chegou-se aos nomes das arquitetas: Myriam Pessoa de Melo (1941), Janete Costa (1932 - 2008) e Clementina Duarte (1941), com a particularidade de que cada uma delas desenvolveu sua carreira em um campo específico de atuação: projetista de arquitetura, arquiteta de interiores e designer<sup>2</sup>. Os casos se destacam por serem casamentos entre arquitetos nos quais a atitude profissional de cada um deles implicou diretamente no sucesso ou invisibilidade delas. Ou quem sabe a atitude delas implicou no seu próprio sucesso ou invisibilidade. O caso das arquitetas selecionadas para o estudo é emblemático, pois são três exemplos de sucesso profissional, todavia com diferentes graus de reconhecimento. Duas delas tiveram reconhecimento nacional e internacional, no entanto, aquela que ficou mais próxima do seu marido no seu fazer arquitetônico, foi a que menos destaque recebeu.

Sabendo-se que em arquitetura foi estabelecido como papel preponderantemente masculino o de projetar as edificações e o feminino o de decorar seus ambientes internos (SPARKE, 2008). O objetivo dessa comunicação é, além de jogar luz nas questões de gênero neste campo do conhecimento, investigar de que forma a união delas com seus maridos arquitetos influenciou, ou até mesmo direcionou, suas trajetórias.

Este artigo tem como objetivo específico contribuir com a escrita do capítulo referente à história das arquitetas modernas pernambucanas, visando colaborar com pesquisas nas quais

---

<sup>1</sup> O termo "Escola de Recife" relaciona-se com a expressão arquitetura regional. Escola supostamente identificada pela forma singular da produção de arquitetura moderna no Recife, tida como original (NASLAVSKY, 2012).

<sup>2</sup> O trabalho peca por não ter ainda descoberto uma representante do paisagismo e do urbanismo.

se busca uma revisão historiográfica da arquitetura que tem sido contada em grande parte com base no protagonismo masculino.

O recorte espaço-temporal é a Faculdade de Arquitetura do Recife dos anos 1950 e 1960, época da formação e início de carreira das arquitetas em estudo. A oportunidade de ter reunidos em recente seminário de arquitetura realizado no Recife<sup>3</sup>, professores e ex-alunos, arquitetos formados pela Faculdade de Arquitetura, possibilitou algumas das entrevistas informais que muito contribuíram para apreensão do ambiente acadêmico da época.

Além disso, o privilégio de poder entrevistar pessoalmente duas das arquitetas em estudo, Myriam e Clementina, torna a comunicação um documento vivo, no qual a história que não foi escrita inicia agora seu processo de registro. A comunicação será apresentada em três subseções dentro da seção “esposas”, cada uma dedicada a uma das arquitetas.

Para verificar a hipótese que considera a ação e influência das parcerias sócio-matrimoniais sobre as trajetórias das arquitetas, buscou-se nas teorias de Pierre Bourdieu e Sigmund Freud a sustentação para a base dos questionamentos levantados. Não se pretende uma abordagem conclusiva, e sim exploratória, na qual se apresenta o início de um trabalho investigativo em forma de questionamentos preliminares que balizarão o curso da pesquisa que pretende se desenvolver nos próximos quatro anos de doutoramento.

## 1.2 O universo da Faculdade de Arquitetura do Recife

O curso de Arquitetura e Urbanismo do Recife é originário da Escola de Belas Artes de Pernambuco (1932), uma organização particular que funcionava com apoio de artistas. Inicialmente, teve cursos de arquitetura, pintura e escultura e, depois foram incorporados os cursos de música e arte dramática. Dado o perfil da instituição, a admissão de mulheres sempre foi permitida em todos os cursos oferecidos (UFPE, 2004).

No final da década de 1940, a Escola foi agregada à Universidade Federal de Pernambuco, mas só passa a poder emitir diplomas em 1945. No ano de 1949 começam movimentos separatistas dentro da Escola de Belas Artes, culminando, na criação, em 1958, da Faculdade de Arquitetura do Recife, que funcionou provisoriamente no Seminário de Olinda, e logo depois, no início da década de 1960 foi transferida para prédio próprio no bairro da Boa Vista, no centro da cidade.

Com a reforma universitária de 1968<sup>4</sup>, a Faculdade de Arquitetura do Recife transforma-se no Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU). Em 1973, o departamento se muda para o

---

<sup>3</sup> 11º Seminário Docomomo Brasil. Realizado de 17 a 22 de abril de 2016, em Recife – PE.

<sup>4</sup> Em 1968, o Congresso Nacional aprovou a Reforma Universitária, pela Lei nº 5.540, de 28/11/68, fixando normas de organização e funcionamento do ensino superior.

campus, funcionando no Instituto de Cursos Básicos. O DAU é transferido de forma definitiva, em 1976, para o Centro de Artes e Comunicação (CAC) onde funciona até hoje.

Apesar de o curso de Arquitetura desde o seu início admitir a entrada de mulheres, a sociedade não incentivava. Recomendava-se que elas procurassem cursos como Magistério ou Enfermagem, mas segundo Myriam Pessoa de Melo, a recomendação dominante era para que elas buscassem um bom casamento.

Para Clementina Duarte, o apoio da família era fundamental para ultrapassar as primeiras barreiras sociais a serem enfrentadas pelas moças que queriam estudar, especialmente arquitetura que nos anos 1950 e 1960 era predominantemente um curso masculino.

Janete Costa passou pouco tempo na Faculdade do Recife, pois logo pediu transferência para o Rio de Janeiro. Na sua biografia<sup>5</sup> há relatos de que na sua turma só havia duas estudantes, confirmando assim a prevalência do gênero masculino no universo da faculdade.

O ambiente da faculdade silenciosamente diferenciava a presença das mulheres, a começar pelo número de alunas, sendo reafirmado pelo número de docentes. Não tão silenciosamente, segundo depoimentos recorrentes das arquitetas entrevistadas<sup>6</sup>, havia um professor abertamente contrário à presença de mulheres no curso de arquitetura afirmando que: “as moças só procuram o curso de arquitetura para arranjar casamento” visto que o curso era predominantemente masculino, ou ainda “mulher para fazer arquitetura tem que ter bigode”. As cadeiras de projeto eram ministradas pelos “gênios criadores” que eram todos homens, conforme esse professor ministrasse as disciplinas denominadas “Pequenas Composições” e “Grandes Composições”, consideradas como a parte mais preciosa da formação para o fazer arquitetônico, podemos supor que o sucesso dessas alunas como projetistas poderia estar de alguma forma comprometido. Quem sabe direcionando suas escolhas para o paisagismo ou desenho de interiores, áreas de atuação na qual a presença feminina era preponderante.

Como também eram raríssimas docentes femininas no curso, a primeira professora na Faculdade de Arquitetura foi Gilda Pina na disciplina de paisagismo e, paradoxalmente, na disciplina de Cálculo Estrutural e Concreto, matérias ligadas à engenharia, as professoras Clarice Mesel e Neli<sup>7</sup>, respectivamente. Apenas na década de 1970 a cadeira de projeto foi ministrada pela primeira vez por uma professora<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> A biografia de Janete Costa intitulada “Uma vida” foi escrita por seu irmão Geraldo Ferreira da Costa, publicada em 2015.

<sup>6</sup> Arquitetas contemporâneas que também foram entrevistadas, além de Myriam e Clementina, mas não estão no foco desta comunicação: Prof. Sônia Marques, Prof. Ana Rita de Sá Carneiro, Risale Neves, Nehilde Trajano e Vera Pires.

<sup>7</sup> Seu sobrenome não foi lembrado pelos arquitetos entrevistados.

<sup>8</sup> Por estarem temporariamente suspensas as pesquisas no arquivo da Faculdade de Arquitetura da Ufpe, não foi possível o acesso às atas do curso, no qual se revelaria o nome da primeira professora de projeto de arquitetura e o ano exato do início de suas atividades.

### 1.3 O outro

Analisar as parcerias entre casais vinculados sexualmente e profissionalmente foi tema de um livro publicado em Londres em 1993: *Significant Others – Creativity and Intimate Partnership*. Na obra são apresentadas parcerias de casais de artistas e escritores sob argumento de que em nossa cultura ocidental a concepção criativa ocorre de forma solitária, e que no caso das associações colaborativas configura-se sempre um sujeito como o “gênio criador” e sua dupla apenas como “o outro”.

Nessas conformações o papel do mito criador é notadamente em sua maior parte exercido pelo homem (CHADWICK, CORURTIVRON; 1993). Em arquitetura, as pesquisas relacionadas às questões de gênero começam a surgir no final dos anos 1970, geralmente escrito por mulheres feministas, sob um ângulo extremamente político. Foi apenas nos anos 1990 que o tema em arquitetura começa a dialogar com a antropologia, história da arte, estudos culturais, cinema, geografia, psicanálise e filosofia, sendo a publicação da historiadora da arquitetura Beatriz Colomina: *Sexuality & Space* um marco editorial. A coleção de textos discute a relação entre sexualidade e espaço escondidas nas práticas cotidianas da cidade, do edifício e do design (RENDELL, PENNER, BORDEN; 2000).

Ampliar o campo de estudos sobre gênero buscando a interdisciplinaridade inerente ao tema é condição essencial para o desenvolvimento do debate. As questões que se apresentaram no início da pesquisa me levaram a investigações de teor antropológico, sociológico e por fim psicanalítico.

Para verificar a hipótese que considera a ação e influência dos maridos sobre as trajetórias das arquitetas, buscou-se nas teorias de Pierre Bourdieu e Sigmund Freud a sustentação para a base dos questionamentos levantados dentre os quais destaco os que deram origem as inquietações fundantes da pesquisa:

- Como se apresenta a “dominação masculina” no campo da arquitetura?
- E por que muitas mulheres a “permitiram”? Há ganhos secundários das mulheres nessa relação?

Em “Dominação Masculina” publicado em 1998, Bourdieu aborda a relação de domínio e submissão, na qual o homem aparece como padrão dominante e a mulher como objeto inferiorizado. O autor apresenta este cenário tido como “natural”, posto que as diferenças biológicas entre os seres são naturais, justificativa do cerne dessa dominação. É um tipo de relação que não carece de legitimação, pois é incorporada por todos por meio do *habitus*.

Através dessa construção o pensamento do dominante influencia os dominados que acabam por legitimar ainda mais essa dominação colaborando para sua própria depreciação, submissão e aceitação perante a sociedade. É o que o sociólogo denomina de “violência simbólica”. A busca de teorias que norteiem a investigação dos casos de submissão que levaram a invisibilidade das mulheres gerando lacunas historiográficas no relato da arquitetura, acessa as ideias do sociólogo francês como um ponto de partida.

Na leitura de “Psicologia das massas e análise do eu” (1920) de Freud, no qual se apresenta o “conceito de identificação” tem originalmente norteado a busca de respostas aos questionamentos lançados e atuado no intuito de auxiliar a compreensão da forma como se relacionam os casais de arquitetos em estudo. O referido conceito é a base da constituição do sujeito. Sujeito desejante, o sujeito do inconsciente, não o sujeito biológico.

Na teoria psicanalítica não se pode falar em sujeito sem que se considere a relação com o outro, pois para Freud não se nasce sujeito, é através do outro que nos tornamos sujeito. Portanto, é também através das interações ao longo da vida que nos tornamos sujeito, isso inclui o casamento e associações (sociedades profissionais).

Dada a relevância desse outro buscado pelo sujeito, sabe-se que este pode apresentar-se como modelo: objeto que pode ser auxiliar ou oponente. A necessidade do outro tem origem na falta fundante de todo ser humano dada ao nascer. A partir daí todo ser humano busca o seu faltante no outro numa tentativa de se reunificar:

*Essa ideia de voltar a ser um que o processo psíquico de identificar-se traz à tona é velha conhecida da humanidade. O Antigo Testamento registra ainda no Genesis que, pelo casamento, o homem e a mulher devem se tornar um... (LEITÃO, 2014, 68).*

Um outro conceito da teoria psicanalítica a ser explorado no que diz respeito a relação com o outro é o *Complexo de Édipo* no qual se apresenta a função substitutiva. Podemos supor que ao casar com seus maridos arquitetos, as mulheres elegem seus pais como parceiros para quem sabe proteger suas carreiras – a figura do pai como protetor, do ponto de vista simbólico. Nessa transferência, incorrem no risco de colocar os maridos na posição paterna ganhando assim status de superioridade, como figuras a quem se deve respeito.

Desta feita, buscar-se-á estabelecer um diálogo das teorias de Freud com aquelas apresentadas por Bourdieu ao longo do processo investigativo que com esta comunicação se inicia, sabendo-se que as ideias do sociólogo estão amplamente ancoradas no inconsciente, coletivo e individual.

## 2. AS ESPOSAS

### 2.1 A esposa de Vital Pessoa de Melo (1936 - 2010): projetista de arquitetura



Figura 1 – Myriam de Melo Cordeiro (1941). Fonte: Whatsapp da arquiteta, 2016.

O arquiteto pernambucano Vital Pessoa de Melo um dos membros do *star system* da arquitetura moderna de Pernambuco atuou por mais de 40 anos contribuindo para a consolidação de uma arquitetura de qualidade e com características locais (REYNALDO, 2013).

Vital conheceu Myriam (Figura 1) ainda no cursinho preparatório para o vestibular em 1956 ambos estudando para entrar em Arquitetura. Aprovados em 1957 estudaram juntos, sendo Myriam a única mulher na turma de estudantes. A partir do segundo ano começaram a namorar, no entanto, ela evitava assumir o relacionamento nos corredores da faculdade por causa dos comentários do citado professor misógino.

Segundo relatos de Myriam, as mulheres além de serem raridade no curso, estavam em desvantagem também na avaliação dos trabalhos das disciplinas. O curso de arquitetura era dado em período integral, os trabalhos de projetos só podiam ser feitos na faculdade, não era permitido levar o trabalho para desenvolver em casa. Dessa forma, os alunos quando solicitados para um trabalho de projeto podiam ficar na faculdade até tarde da noite, inclusive pernoitar na Universidade, fato impensável para as estudantes da época, “moças de família” deveriam estar de volta à casa antes do anoitecer. Portanto, segundo Myriam elas tinham que se desdobrar para chegar ao nível de desenvolvimento dos rapazes, já que seriam avaliados da mesma maneira.

Myriam se formou em 1961, casou em 1963, quando adotou o sobrenome do marido e sócio com quem sempre trabalhou:

*Além dos seus filhos Ricardo e Flávia que vieram a se juntar ao escritório, Vital contou com a ajuda constante de Myriam, sua colega de turma no curso de arquitetura com quem veio a se casar em 1963 e com quem trabalhou lado a lado no escritório até o final da sua vida. (REYNALDO, 2013).*

Na metodologia de trabalho do escritório de ambos, cabia a Vital conduzir as ideias iniciais da concepção do projeto arquitetônico. Esta etapa projetual define o partido arquitetônico e todas as etapas subsequentes se vinculam a esta. Pode-se dizer que nessa etapa o papel de “gênio criador” se constitui. Myriam acabou se especializando na etapa dos detalhes construtivos dos projetos. Com seus papéis definidos, trabalharam em harmonia durante 50 anos, até o falecimento de Vital em 2010.

No entanto, Myriam não teve seu nome tão reconhecido socialmente quanto o do marido, apesar de ter, sem dúvida alguma, seu trabalho e mérito profissional reconhecidos pela equipe e pelos clientes do escritório. Fato que chama atenção, configura um lapso, indicando uma “violência simbólica”, sem a intenção de diminuir a importância da arquiteta, no entanto, contribuiu para a distinção de Vital em relação a Myriam, cujo nome nunca atingiu a mesma notoriedade do nome do marido. Esse fato se confirma na citação:

*...como colaboradores e sócios, Vital teve a mulher, Myriam Cordeiro Pessoa de Melo, e os filhos Flavia Pessoa de Melo e Ricardo Pessoa de Melo. Em virtude desta sociedade o escritório passou a se chamar VRF Arquitetos no ano de 2003. (REYNALDO, 2013).*

Apesar de Myriam ser sócia do escritório desde a sua fundação, o VRF, tinha apenas as iniciais de Vital, Ricardo e Flavia. Tal situação perdurou até a morte de Vital em 2010, quando foi necessário alterar o estatuto do escritório, os filhos aproveitaram a oportunidade para se redimir da falta cometida e acrescentaram o M no nome do escritório (Figura 2). Significativo simbolicamente, o nome de Myriam só aparece com a morte do marido.

Segundo Myriam, ter sido esposa-sócia de Vital lhe acrescentou muito profissionalmente, ao ponto de afirmar que se não fosse pelo marido não teria continuado no exercício da arquitetura e que ele a fez crescer muito como arquiteta. Esse trecho de seu depoimento remete às questões pertencentes ao “conceito de identificação” e ao “complexo de Édipo” ambos de Freud, apresentadas anteriormente.

Ao ser questionada sobre sua invisibilidade na história da arquitetura pernambucana, Myriam, responde com genuinidade: “posso me considerar muito feliz, dentre as raras mulheres no

o

curso de arquitetura, ou melhor, no ensino superior, eu fiz o curso que sempre sonhei e exerci minha profissão de formação, isso já foi muito para uma mulher naquela época.



Figura 2 – Cartão profissional Myriam Pessoa de Melo. Fonte: doação da arquiteta, 2016.

## 2.2 A esposa de Acácio Borsoi (1924 – 2009): arquiteta de interiores



Figura 3 – Janete Ferreira da Costa (1932 – 2008). Fonte: Inventário Janete Costa, 2014.

Carioca, radicado em Pernambuco desde 1951, Borsoi figura entre os expoentes máximos da Arquitetura Moderna Pernambucana (NASLAVSKY, 2012). Borsoi foi professor de Janete (Figura 3) na Faculdade de Arquitetura do Recife no início dos seus estudos em 1951, nos primeiros anos ela transferiu seu curso para a Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, atual UFRJ, onde se formou em 1961.

Janete inicia oficialmente sua atuação profissional nos anos 1960 associada ao seu primeiro marido, também arquiteto, Maurício Santos. No entanto, sua carreira ganha relevância nos anos 1970 data que coincide com seu casamento com Borsoi em 1969. A arquiteta consagra-se profissionalmente com suas ambientações e ganha notoriedade nacional ao projetar, principalmente, ambientes internos de residências idealizadas por Borsoi.

Janete atuou com destaque no campo da arquitetura de interiores, design, museografia, além de pontuais atuações na recuperação do patrimônio histórico (GÁTI, 2014). Figurando entre os principais personagens da formação e consolidação das tendências modernistas no Brasil, destacou-se por sua criatividade e inovação verificados em todos os campos de suas atuações (GUIMARAENS, COUTO; 2009). Janete foi considerada “musa” da arquitetura moderna devido aos seus esforços na constituição da identidade nacional demonstradas pela sua trajetória de valorização do patrimônio popular especialmente na sua arquitetura de interiores, suas peças de design e nas exposições por ela concebidas.

Janete deixou sua marca registrada por todo país por ter introduzido elementos da arte popular e artesanato, principalmente, peças do nordeste do Brasil nos seus projetos de arquitetura de interiores para a elite econômica. O reconhecimento do seu trabalho fez nascer entre seus colegas de profissão a suposta “Escola Janete Costa”. Este termo era usado por seus discípulos e admiradores para se referir ao seu pioneirismo regionalista (GÁTI, 2014). Seu fascínio pela produção local levou-a à construção de valorosa coleção de arte popular. Além disso, tal aproximação encaminhou-a ao desenvolvimento do projeto denominado Interferências comprometido com as questões sociais do país demonstrados através de sua prática em busca de emancipação dos artistas populares e artesãos.

Janete e Borsoi dividiam o espaço físico do escritório de arquitetura, e muitos projetos eram concebidos em dupla, pois muitas vezes Janete solicitava que o projeto de arquitetura dispusesse de determinados espaços, antecipando as peças decorativas que indicaria para o cliente. A autonomia profissional de Janete era verificada através do fato de que ela não incorporou o sobrenome do marido ao seu, apesar de exercer conforme o padrão o papel feminino de arquiteta de interiores. Todavia, verifica-se que todo material gráfico do escritório denominado Borsoi Arquitetura Ltda. nunca incorporou o nome de Janete na sua logomarca constante nos carimbos das pranchas de desenho e placas de obras. Segundo depoimentos dados pelos seus filhos, também arquitetos, ela não dava importância para isso, pois estava muito ocupada com “questões maiores”, assim, sempre que precisava de algum material gráfico usava a identidade visual do Borsoi Arquitetura Ltda.(Figura 4).

Evidencia-se dessa forma de que ao se desdobrar em muitas atividades profissionais e domésticas, as arquitetas não tem tempo para “perder” com questões como estas, pois são

tratadas por elas próprias como "questões menores", sem importância, configurando mais um fator que contribui para a ampliar a invisibilidade feminina em muitos casos.



Figura 4 – Cartão profissional Janete Costa. Fonte: Inventário Janete Costa, 2014.

### 2.3. A esposa de Armando de Holanda (1940 – 1979): designer



Figura 5 – Clementina Duarte (1941). Fonte: Whatsapp da arquiteta, 2016.

O pernambucano Armando de Holanda importante representante do modernismo foi um dos primeiros arquitetos brasileiros<sup>9</sup> relacionar arquitetura aos trópicos. Sua teoria está no manual publicado em 1976 o "Roteiro para construir no Nordeste - Arquitetura como lugar ameno nos

---

<sup>9</sup> Em 1934 no Recife o arquiteto mineiro Luiz Nunes projetava edifícios com paredes inteiras de elementos vazados os "combogós".

trópicos ensolarados", um compêndio de suas aulas ministradas na Faculdade de Arquitetura onde lecionou de 1974 a 1979 (HOLANDA, 2014).

A arquiteta Clementina Duarte (Figura 5) também frequentou a Faculdade de Arquitetura do Recife, onde se formou no ano de 1964. Diz ter sido incentivada pelo pai<sup>10</sup> que via nos seus talentos artísticos desde menina o risco de ter uma "artista" em casa. Clementina foi classificada em segundo lugar na seleção do vestibular numa turma de 27 estudantes dentre os quais apenas 5 eram mulheres. Foi excelente aluna durante todo o curso, tendo sido monitora de Composição Arquitetônica, disciplina na época ministrada apenas por professores homens. Demonstrou desde cedo seu talento para arquitetura quando foi selecionada para o concorrido estágio para a Sudene. Foi convidada em 1965 por Glauco Campello para uma pós-graduação em Brasília em História da Arquitetura e lá se tornou assistente do Prof. Ítalo Campofiorito na UnB.

Em 1966 recebeu uma bolsa do governo francês para estudar Arte Medieval na Sorbonne e Arte Aplicada no Institut d'Art et Métiers, sendo aluna de Jean Prouvé<sup>11</sup>. Clementina ia para as aulas usando peças de vestuário e adereços feitos por ela própria, até que uma de suas criações, um colar, chamou a atenção do Prof. Prouvé. O Professor Insistiu para que ela desenvolvesse uma coleção e a apresentou à arquiteta e designer Charlotte Perriand, que foi a curadora de sua primeira exposição de joias em Paris<sup>12</sup>, iniciando assim sua carreira de designer (Figura 6).

Em 1968 Clementina retorna ao Brasil, assim como Armando de Holanda que estava no curso de "Especialização em Protótipos" desenvolvido no *Intenational Course on Buildings*, no Bowcentrum de Rotterdã, Holanda (HOLANDA, 2014). Casam-se e se instalam no Recife, onde abrem em sociedade escritório de arquitetura e o atelier de design de joias de Clementina.

---

10 Seu pai era Engenheiro Químico e Professor Catedrático, desta feita fez questão que os 12 filhos fossem para a faculdade não importando se homens ou mulheres. Clementina é a primogênita.

11 era um arquiteto e designer francês autodidata. Desenvolveu importantes trabalhos na metalurgia tendo como principal conquista a transferência de tecnologia de fabricação da indústria para arquitetura sem perdas das qualidades estéticas.

12 Na Galeria Steph Simon, Paris, França, 1966. Essa galeria apresentava os designers mais inovadores da Europa entre eles Charlotte Perriand e Le Corbusier.

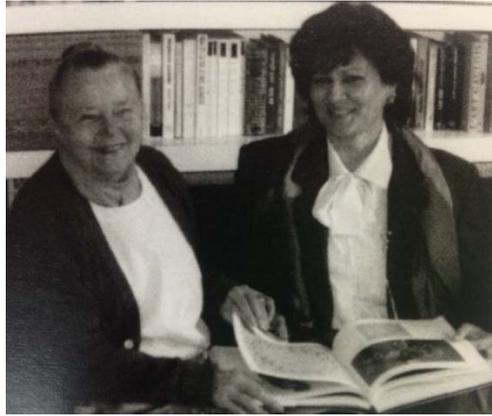


Figura 6 – Charlotte Perriand e Clementina Duarte, Paris. Fonte: Duarte, 2006.

Segundo a própria arquiteta, ela passou alguns anos desenvolvendo ambas as funções, de arquiteta e designer, paralelamente. Seus projetos de arquitetura foram em grande parte desenvolvidos em parceria com o marido arquiteto.

Logo após sua volta ao Brasil, em 1971, Clementina é contemplada com o prêmio na XI Bienal de São Paulo pelo Melhor Desenho de Joias tendo sido a primeira(o) pernambucana(o) premiada(o) na Bienal. A designer relata que esse prêmio acabou por consagrar seu trabalho de design como obra de arte. Este fato foi importante para sua decisão em permanecer no país assim como determinante na opção de se dedicar exclusivamente a carreira de designer, pois a partir deste evento a demanda pelo seu desenho de joias foi ampliada de tal maneira que impossibilitou sua dedicação as duas carreiras. Segundo Clementina que já havia experimentado o sucesso no exterior, preferiu abrir mão, pois não gostaria de ser absorvida por uma grife estrangeira, queria ser uma designer brasileira (DUARTE, 2016).

Clementina dizia já existir no Brasil uma arquitetura, pintura, escultura, desenho de mobiliário, de moda com personalidade brasileira, no entanto percebeu que não havia um desenho de joia brasileiro, pois, a joia daqueles anos era bastante copiada dos padrões estrangeiros. As joias e objetos de arte, criados por Clementina, surgiram carregados de brasilidade. Inspirados no barroco brasileiro, na arquitetura moderna, em especial na arquitetura de Oscar Niemeyer e na exuberância da flora brasileira. Para ela a joia brasileira deveria ser essencialmente livre, não contida, assimétrica e cheia de contrastes. Se preocupou em tratar a joia como um documento, se comprometendo assim a fazer uma documentação da natureza brasileira e da arquitetura, pois enxergava o risco de desaparecerem, todavia, o registro que a joia carrega seria eterno.

Durante as décadas de 1970 aos anos 2000 trabalhou incessantemente com grande reconhecimento. Expôs em galerias de arte, museus e renomadas joalherias nas principais cidades do Brasil, Europa e dos Estados Unidos. Recebeu a Ordem do Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores, no grau de oficial em Brasília em 1987. E passou a ser o

presente oficial oferecidos pelo Governo brasileiro às primeiras damas e dignitários que visitam o Brasil. O sucesso das suas peças estava atrelado ao conceito dado ao seu trabalho, que foi considerado pioneiro, ganhando em 2005 o troféu “Pioneira da Joia Moderna Brasileira”

Clementina e Armando foram casados durante doze anos, no entanto a parceria no escritório de arquitetura durou apenas quatro anos. Clementina em tempo algum se dedicou exclusivamente a arquitetura, tampouco adotou o sobrenome do marido, o que era comum na época, configurando assim um dado afirmativo de sua autonomia.

### **3. CONCLUSÃO**

Sendo a arquitetura considerada por muitos um campo da arte seria de se esperar uma maior projeção de mulheres nesse cenário, visto que, especialmente no Brasil a arte não era respeitada como uma atividade séria, aprendemos desde cedo que arte é coisa de mulher (CHIARELLI, 2015).

Tendemos a confirmar essa construção cultural quando analisamos as trajetórias bem-sucedidas das artistas brasileiras e, por conseguinte das arquitetas enquanto projetistas de interiores, paisagistas, designers de mobiliário e objetos, ou seja, exercendo a parte mais artística, dita feminina, da arquitetura, nos induzindo a pensar que sim, é coisa de mulher. Por outro lado, a parte mais construtiva, sólida, viril e, por inferência, mais séria, só podia estar atrelada ao fazer masculino.

As trajetórias de Janete e Clementina que se projetaram nacional e internacionalmente como arquiteta de interiores e designer de joias, confirmam tal construção, visto que atuaram no campo dito “feminino” da arquitetura.

Desta feita os casamentos de Janete com Borsoi e Clementina com Armando podem ser acatados de forma positiva socialmente e por seus pares no campo da arquitetura e design, visto que todos tiveram carreiras proeminentes, dado que suas atuações não competiam entre si. No entanto, a trajetória invisível em termos de reconhecimento e projeção ampliada de Myriam, sugere a confirmação da hipótese de que dividir a atuação no fazer arquitetônico entre casais de arquitetos deixará sempre um deles à sombra. E, a historiografia confirma, neste caso a predominância da invisibilidade é sempre feminina.

As construções culturais somadas às constituições psicológicas de cada um dos sujeitos em estudo, além de outros fatores que dizem respeito aos condicionantes familiares e oportunidades de vida que cada arquiteta experimentou, perfilam como dados a serem explorados para chegar a um caminho que nos aproxime das respostas às perguntas lançadas nesta comunicação.

Ao apresentar os cônjuges de representantes do star system da arquitetura moderna pernambucana buscou-se refletir sobre casos de notoriedade e casos de invisibilidade nas suas parcerias, abrindo espaço para que novos nomes sejam agregados. Cumpre-se assim o compromisso de iniciar a escrita do capítulo referente à história das arquitetas modernas pernambucanas, visando colaborar com pesquisas nas quais se busca uma revisão historiográfica da arquitetura que tem sido contada em grande parte com base no protagonismo masculino.

## BIBLIOGRAFIA

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O Que é Feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ARQUITETAS INVISÍVEIS. *Arquitetas Invisíveis apresentam 48 mulheres na arquitetura*: Arquitetura 10 Mar 2015. ArchDaily Brasil. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/763417/arquitetas-invisiveis-apresentam-48-mulheres-na-arquitetura-arquitetura>. Acesso em 24 nov. 2015.

BORSOI, Roberta. *Roberta Borsoi*: entrevista da filha de Janete Costa [12 abr. 2013]. Entrevistadora: Andréa Gáti. Recife, PE, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

CHADWICK, Whitney; CORURTIVRON, Isabelle de. *Significant Others – Creativity & Intimate Partnership*. London: Thames and Hudson, 1993.

CHIARELLI, Tadeu. *Mulheres artistas: as pioneiras (1880-1930)*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2015.

COSTA, Geraldo Ferreira da. *Geraldo Ferreira da Costa: depoimento do irmão de Janete Costa* [mar. 2014]. Entrevistadora: Andréa Gáti. Recife, PE, 2014.

\_\_\_\_\_. *Janete Costa – Uma vida*. Rio de Janeiro: Bookess, 2015.

COSTA, Janete. *Interiores*. Rio de Janeiro: Index, 1993.

\_\_\_\_\_. *Arte Popular de Pernambuco*. Recife: Instituto Cultural Bandepe, 2001.

\_\_\_\_\_. *Janete Costa: entrevista*. [2003]. Itália: Revista Interni, edição 531. Entrevista concedida a Adélia Borges. Disponível em: < [www.adeliaborges.com/textos/](http://www.adeliaborges.com/textos/)>. Acesso em: 25 fev.2013.

\_\_\_\_\_. *Janete Costa, a arquiteta dos interiores brasileiros*. São Paulo: Revista Design & Interiores, set. 1991.

\_\_\_\_\_. *Conferência Janete Costa, realizado em 1973*. In: Anais... Seminário de Tropicologia. Recife: Editora Universitária UFPE, 1979.

DUARTE, Clementina. *Clementina Duarte: A arte e o design da jóia moderna brasileira*. Washington: Cyntia Unninayar, 2006.

DUARTE, Clementina. *Clementina Duarte*: entrevista realizada em sua residência [22 mai. 2016]. Entrevistadora: Andréa Gáti. São Paulo, SP, 2016.

GÁTI, Andréa. *Arte e Artesanato na Arquitetura de Interiores Moderna de Janete Costa*. Recife, 2014. Dissertação (Arquitetura e Urbanismo) - UFPE.

GUIMARAENS, Cêça; COUTO, Sylvia C. *Musas do patrimônio moderno e contemporâneo*. In: 8º DOCOMOMO Brasil, 2009. Rio de Janeiro. Trabalhos completos. 8º DOCOMOMO Brasil. Rio de Janeiro: FAU UFRJ, 2009. p. 1-14. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/131.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2013.

HOLANDA, Armando de. *Projeto Inventário Armando de Holanda Cavalcanti*. UFPE - Laboratório da Imagem de Arquitetura e Urbanismo, 2014.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. *Revendo a história da arquitetura: uma perspectiva feminista*. São Paulo, 2004 Tese (Educação) – Mackenzie.

McKELLAR, Susie; SPARKE, Penny. *Interior design and identity*. Manchester: Manchester University Press, 2004.

MELO, Myriam Pessoa de. *Myriam Pessoa de Melo*: entrevista realizada em sua residência [16 mar. 2016]. Entrevistadora: Andréa Gáti. Recife, PE, 2016.

MELO, Ricardo Pessoa de. *Ricardo Pessoa de Melo*: entrevista do filho de Myriam Pessoa de Melo, realizada em seu escritório [25 abr. 2016]. Entrevistadora: Andréa Gáti. Recife, PE, 2016.

MOREIRA, Fernando; GÁTI, Andréa. *Inventário Janete Costa: a construção da memória*. In: 3º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte: UFMG, nov. 2013.

NASLAVSKY, Guilah. *Arquitetura Moderna no Recife 1949-1972*. Recife, 2012.

REYNALDO, Clara de Oliveira. *A arquitetura de Vital Pessoa de Melo*. SP 2013 Disponível em: [file:///C:/Users/ufpe/Downloads/CLARA\\_REYNALDO\\_MESTRADO%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/ufpe/Downloads/CLARA_REYNALDO_MESTRADO%20(1).pdf). Acesso em: 13 abr.2016.

RUBINO, Silvana. Silvana Rubino: palestra [1 nov. 2014] *Arquitetura e a questão de gênero: a mulher na arquitetura e na cidade*. Sindicato dos Arquitetos de São Paulo, SP, 2014. <https://www.youtube.com/watch?v=za4Bvx4J2mA>. Acesso em: 15 fev. 2016.

SANTOS, Mário. *Mário Santos*: entrevista do filho de Janete Costa [7 jan. 2014]. Entrevistadora: Andréa Gáti. Recife, PE, 2014.

SPARKE, Penny. *As long as its pink: the sexual politics of taste*. London: Pandora, 1995.

\_\_\_\_\_. *The modern interior*. London: Reaktion Books, 2008.

UFPE. *Curso forma arquitetos há 45 anos* – Nov. 2004. Disponível em: [https://www.ufpe.br/agencia/index.php?option=com\\_content&view=article&id=10440:&catid=5&Itemid=78](https://www.ufpe.br/agencia/index.php?option=com_content&view=article&id=10440:&catid=5&Itemid=78). Acesso em: 21 out. 2015.